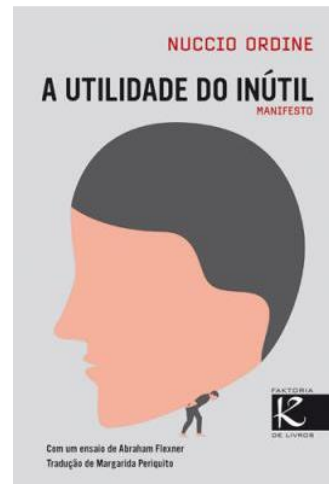


RECENSÃO CRÍTICA



Ordine, N. (2016). *A Utilidade do Inútil – Manifesto*. Faktoria K de Livros

LUÍSA SOLLA

luisa_solla@sapo.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

O subtítulo *Manifesto* do livro *A Utilidade do Inútil* leva-nos a pensar que se trata, de acordo com a Wikipédia, de um texto de natureza dissertativa e persuasiva, uma declaração pública de princípios e intenções, que pretende alertar ou fazer a denúncia pública de um problema. Ou seja, que se destina a declarar um ponto de vista ou a convocar uma comunidade para uma determinada ação. A leitura do livro confirma esta definição estimulando a sua divulgação nas páginas desta revista.

Nesta breve análise do livro *A Utilidade do Inútil Manifesto*, é este o meu propósito e não debater, de forma sistematizada, as ideias de Nuccio Ordine (NO), filósofo e professor de literatura italiana, autor de diversos livros e que não é desconhecido em Portugal. Esteve recentemente em Lisboa e proferiu uma conferência intitulada “A Utilidade dos saberes inúteis”, retomando algumas das ideias deste livro, em particular as que nos propõem uma reflexão sobre as finalidades da educação e discutem o que podem significar como investimento no futuro. A conferência teve lugar na Torre do Tombo em outubro, foi organizada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos e o respetivo texto foi publicado pela Fundação na coleção *Questões- Chave da Educação*.

Considerando as temáticas que acima identifiquei e outras que o livro abarca, a minha intenção é sobretudo divulgá-lo pois creio ser pertinente fazê-lo numa revista de uma escola superior de educação que forma jovens - professores e outros profissionais se pensarmos em áreas de formação como o ensino, as artes ou a comunicação, que muitos consideram irrelevantes ou de uma “quase inutilidade” não valendo, portanto, o investimento que nelas se faz. Este é um debate já antigo Veja-se, por exemplo, o artigo de opinião de João Costa e Maria Fernanda Rollo

(<https://www.publico.pt/2015/11/26/ciencia/opiniao/e-se-em-lisboa-nao-houver-ciencias-sociais-e-humanidades-1715656>)

que referem, a propósito da Estratégia Nacional para uma Especialização Inteligente (ENEI): “... ser um instrumento ao serviço da economia, (...) aniquila as ciências e as humanidades e torna a investigação fundamental nesta e noutras áreas um reduto difícil de encontrar e penoso de justificar

Valerá a pena investir nas ciências sociais e humanas? Costa e Rollo acham que sim e relembram aos autores da ENEI: “ ...um pouco de estudo de história do sistema científico e das ciências, (...) mostrar-

lhes-ia como o caminho trilhado até aos avanços científicos e tecnológicos mais recentes que hoje têm impacto no desenvolvimento económico tiveram, na sua génese, a procura de respostas a perguntas formuladas pela filosofia, pela estética ou pela história”.

Também Nuccio Ordine concorda com a importância do investimento nas humanidades, usando argumentos que vai buscar a vários autores e obras de interesse maior que se encontram bem identificados na bibliografia. É disso que trata o livro *A Utilidade do Inútil Manifesto* que aqui divulgamos.

O livro é constituído por uma Introdução, três partes, um apêndice e uma bibliografia selecionada e organizada para cada parte, a que o autor recorre para fundamentar a sua tese sobre a “utilidade do que pode ser considerado inútil” e que apresenta logo na Introdução (p.7). Aqui, Ordine define o seu campo de análise “...quis pôr no centro das minhas reflexões a ideia de utilidade daqueles saberes cujo valor essencial está completamente livre de qualquer finalidade utilitária. Existem saberes absolutos que- precisamente pela sua natureza gratuita e desinteressada, longe de qualquer vínculo prático e comercial- podem ter um papel fundamental na educação do espírito e no desenvolvimento cívico e cultural da humanidade. Dentro deste

contexto, considero útil tudo aquilo que nos ajuda a tornarmo-nos melhores.” Na página 123 ficamos a saber que é Tolstoi o autor desta última frase.

Vejamos então como Nuccio Ordine concretiza esta mensagem.

Na primeira parte, intitulada ‘A útil inutilidade da literatura’, o autor faz uma interessante e fundamentada incursão sobre esta temática por obras de várias épocas, citando escritores, poetas, filósofos. Aristóteles, Platão e Kant, Dante, Petrarca, Baudelaire ou Lorca são convocados para discutir- corroborando ou refutando - a opinião de Ordine na defesa do “amor desinteressado da sabedoria”, de que falava Petrarca (p. 34). Locke, por exemplo, não vê utilidade na poesia (pp.71-72) mas NO não o deixa sem resposta e diz-nos “É imprudente viver sem a loucura da poesia” (p. 74). Para tal convoca Lorca que, em 1934, convida os jovens a alimentarem-se de literatura, a que Pablo Neruda chama : “aquela semente de loucura que todos trazemos dentro de nós e sem a qual é imprudente viver”.

Mais recentemente, Calvino um dos defensores dos “saberes desinteressados” (p.85), recorda “que também os clássicos não se leem porque não de servir para alguma coisa. Leem-se simplesmente pela alegria de os ler, pelo prazer de viajar com eles, animados apenas

pelo desejo de conhecer e de nos conhecermos” (p.84). Mas os tempos modernos são se compadecem com “coisas inúteis”, como refere Ordine, apoiando-se em Ionesco: “o homem moderno, que não tem tempo para se deter nas coisas inúteis, está condenado a tornar-se uma máquina sem alma. Escravo da necessidade, não é capaz de compreender que o útil pode transformar-se num ‘peso inútil, opressivo’ e que se ‘não se compreender a utilidade do inútil e a inutilidade do útil, não se compreende a arte’. Assim, o homem que não compreende a arte torna-se um escravo ou um autómato, transforma-se num ser sofredor, incapaz de rir e de sentir alegria” (pp 82-83).

Este é um alerta que não pode deixar de ser considerado num tempo de economicismo puro, bem visível na montra da atualidade ideológica e que oculta em lugares subalternos ou mais recatados tudo o que escapa ao valor do dinheiro.

A segunda parte – ‘A universidade-empresa e os alunos clientes’ - apresenta uma reflexão muito atual e pertinente. Aqui encontramos uma crítica feroz aos recentes movimentos que pretendem “mercantilizar” o ensino e as universidades, opção que marcou, não sem polémica, a reestruturação curricular no ensino superior na Europa, por força das opções exigidas aos países que assinaram a Declaração de

Bolonha.

Ordine posiciona-se com clareza sobre aquilo que chama “os efeitos catastróficos que a lógica do lucro produziu no mundo do ensino” (p. 86). Refere, por exemplo, a “descida de níveis de dificuldade, a fim de permitirem aos alunos passar mais facilmente nos exames” (p. 87); ou a perspectiva das universidades-empresas que considera os alunos clientes e transforma os professores em burocratas, esquecendo a dimensão pedagógica da profissão. Escreve Ordine: “Sem essa dimensão pedagógica, totalmente afastada de qualquer forma de utilitarismo, seria muito difícil, no futuro, continuar a imaginar cidadãos responsáveis, capazes de por de parte os seus egoísmos para abraçar o bem comum, para exprimir solidariedade, para defender a tolerância, para reivindicar a liberdade, para proteger a natureza, para apoiar a justiça...” (p.92).

Reforçando a ideia de que as escolas não podem ser geridas como empresas, o autor não esquece a importância da investigação e do ensino quando refere, por exemplo: “Estudar (esquecem-se muitas vezes de que um bom professor é sobretudo um incansável estudante) e preparar as aulas passa a ser um luxo que se negocia diariamente com as hierarquias universitárias. (...) e que separando com-

pletamente a investigação do ensino, se acaba por reduzir os cursos a uma repetição superficial e livresca do já existente.” (p. 90)

Nesta parte do livro a estratégia do autor mantém-se. Ao longo da sua exposição, senta à mesa do diálogo pensadores de diferentes épocas e ideologias, entre outros: Montesquieu, Tocqueville, Locke, Gramsci, Bataille, Victor Hugo. Deste último sublinha, a “espantosa atualidade”, de um discurso proferido na assembleia constituinte em 1848. Sobre uma proposta dos ministros de cortar os financiamentos à cultura, “o romancista mostra com grande poder de persuasão que se trata de uma decisão prejudicial e totalmente ineficaz.” (p. 93). Vale a pena ler, no livro de NO, o excerto do discurso de Victor Hugo para melhor se compreender a sua atualidade no que concerne aos seus efeitos, por um lado insignificantes- “poupança ridícula para o Estado”- e, por outro, nocivos pelo que se “revela letal para a vida das bibliotecas, museus, arquivos nacionais, conservatórios, escolas e tantas outras instituições importantes.” (p.93).

Na terceira e última parte- ‘Possuir mata: dignitas hominis, amor e verdade’, Nuccio Ordini considera que após “a reflexão sobre a útil inutilidade dos saberes humanistas, chegou a altura de dar a palavra diretamente aos clássicos, de ouvir a sua voz...” (p.127). “Possuir

mata”, diz o título desta terceira parte e Ordine, recorrendo a Montaigne que sugere: “É desfrutar, e não possuir, que nos torna felizes”, encontra o mote adequado para discorrer sobre três temas que irá tratar: a dignidade do homem, o amor e a verdade. Ou seja: “Estes três domínios- em que a posse se revela, em si mesma, uma força negativa e devastadora-, pelo contrário, constituem precisamente o terreno ideal em que a gratuidade e o desinteresse podem exprimir-se da forma mais autêntica” (p. 128).

É possível tirar muitas lições da leitura do livro de Nuccio Ordine sobre a utilidade (inútil?) da arte, da literatura, da música, de tudo aquilo que nos ajuda a “tornar-nos melhores pessoas”, mais conhecedoras, mais felizes, mais compreensivas, mais tolerantes. E também porque “O conhecimento é uma riqueza que podemos transmitir sem ficarmos mais pobres”, frase que NO leu numa biblioteca, no Sahara (pp.125- 126).

Alguns dirão que o livro é um pouco redundante e passadista nos autores que cita e no constante realce das ideias sobre o tema, ao mesmo tempo que sobrevoa com ligeireza outras questões importan-

tes. Talvez. Mas sem dúvida que Ordine, tal como nos levou a descobrir autores pouco conhecidos, trazendo um acrescento ao nosso conhecimento, permitiu visitar e recordar outros que foram importantes na nossa formação, como pessoas e professores.

De forma desordenada, recordo alguns: Steiner, “grande defensor dos clássicos e dos valores humanistas” (p. 25) ; Ítalo Calvino e as suas maravilhosas *Cidades Invisíveis* (p.26). Se não se veem que interesse têm, perguntarão alguns; Ovídio e as *Artes Inúteis* (pp.56-57); Jorge Luís Borges sobre a muralha da China mandada edificar pelo mesmo imperador (um construtor destrutivo?) que mandou queimar todos os livros escritos antes dele (pp 21-22); ou Baudelaire: “Ser um homem útil sempre me pareceu uma coisa triste” (p.69). Poeta, diríamos hoje!; ou Montesquieu: “Se tivesse conhecimento de qualquer coisa que me fosse útil, mas que tivesse efeitos prejudiciais para a minha família, tirá-la-ia da ideia. Se soubesse de alguma coisa útil à minha família, mas não à minha pátria, procuraria esquecê-la. Se conhecesse alguma coisa útil à minha pátria, mas nociva para a Europa, ou, então útil à Europa e prejudicial para o género humano, considerá-la-ia um crime” (p.92). Ingénuo, dirão alguns! Ou tão do nosso tempo, diríamos nós?

Engana-se quem pensa que Ordine só advoga em favor das humanidades. Não. Também as ciências fazem parte do seu argumentário no que diz respeito aos “saberes desinteressados” e relembra que, muitas vezes, o gratuito se revela essencial (p. 83). A este propósito cita Calvino: “Muitas vezes, o empenho que os homens dedicam a atividades que parecem absolutamente gratuitas (...) revela-se essencial num âmbito que ninguém previra, com consequências que vão longe. Isto é verdade para a poesia e a arte, como é também verdade para a ciência e para a tecnologia.”(p.84).

Não pretendendo acentuar a oposição entre saberes humanistas e saberes científicos, Ordine refere: “sendo conhecedor dos seus diferentes papéis, estou firmemente convencido de que a ciência também tem ocupado e ocupa um lugar importante na batalha contra as leis do mercado e do lucro. É do conhecimento geral que, trabalhos científicos aparentemente inúteis, que não foram levados a cabo tendo em vista um objetivo prático preciso, acabaram por vir a ter uma inesperada utilidade.” (p. 117). Daí a justificação para reproduzir como apêndice neste seu livro o ensaio “A utilidade do saber inútil” que Abraham Flexner publicou em 1939, nos Estados Unidos. Sobre Flexer diz Nuccio Ordine: “este célebre cientista americano apresen-

ta-nos um fascinante resumo da história de algumas grandes descobertas para mostrar que as pesquisas científicas teóricas consideradas mais inúteis, por não terem qualquer objetivo prático, trouxeram vantagens inesperadas a aplicações como as telecomunicações ou a eletricidade, que se vieram a revelar fundamentais para a humanidade.” (pg 13).

Para terminar, retomo o que me norteou na divulgação deste livro sobre a importância da presença dos “saberes desinteressados” na educação e na formação. Encontramos muitos deles na *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania* (setembro de 2017) que recupera, depois de vários anos de percursos vários e “zigzagueantes”, o saber de base humanista que revela o sentido de pertença à humanidade (UNESCO- Educação para a Cidadania Global: preparar os aprendentes para os desafios do século XXI). Ou seja- trazendo para a escola o ensino de temas como Direitos Humanos, Igualdade de Género, Interculturalidade, Desenvolvimento Sustentável, Educação Ambiental, Saúde, Instituições e participação democrática, Segurança, Defesa e Paz ou Voluntariado - a sociedade assume que estes saberes representam valores de grande utilidade, presente e

futura, para as crianças e para os jovens.

Para a concretização desta estratégia, que se deseja e espera bem sucedida e acarinhada por professores, escolas e responsáveis a nível superior, vários pressupostos nela são enunciados. Destaco um que considero fundamental na sua missão, e oportuno quanto ao conteúdo deste livro : “A necessidade de investir e integrar a Educação para a Cidadania na formação inicial e contínua de docentes.”

Ordine fala-nos do ensino como forma de sedução (p.111). Pois também este livro nos seduz quando nos mostra o que tantos e tão bons pensadores pensaram sobre os “saberes desinteressados”, e como ainda algumas das suas ideias se mantêm atuais e à espera de concretização.

Nota biográfica

Luísa Solla, professora adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (Aposentada). É licenciada em Filologia Românica e mestre em Relações Interculturais. Desenvolveu actividades de formação inicial e contínua no domínio das Metodologias de Ensino de Línguas e da Educação Intercultural.